16º DOMINGO APÓS PENTECOSTES

13 DE SETEMBRO DE 2026

MATEUS 18.21-35

1 TEXTOS

1.1 Salmo 103.1-12

Logo no começo do salmo vale a pena prestar atenção em uma coisa que pode passar despercebida com facilidade: os versículos 8 a 12 não são uma reflexão 'perdida' sobre a bondade de Deus. São uma citação. Quando o salmista descreve o SENHOR como compassivo, bondoso, tardio em irar-se e rico em bondade (v. 8), ele está repetindo Êxodo 34.6, aquele momento em que Deus se apresenta a Moisés dizendo quem Ele é. E isso foi dito, é bom lembrar, logo depois do episódio do bezerro de ouro. Esse ponto é importante. A misericórdia não aparece ali como um traço do temperamento divino, uma espécie de 'bom humor' de Deus, mas como o nome que Ele escolheu para si diante de um povo que acabara de traí-lo. É sobre essa base que o salmista pode afirmar o mais radical de tudo: "*Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui conforme as nossas iniquidades*" (v. 10).

Aqui tem um detalhe que me chamou atenção quando comparei os textos do dia. O verbo hebraico traduzido por "retribuir" é *גָּמַל*. Deus não nos retribui segundo as nossas iniquidades. Em Gênesis 50.15, esse mesmo verbo aparece na fala dos irmãos para nomear o mal que eles fizeram a José. Já o temor de que José lhes "retribua" é formulado com outro verbo, *שׁוּב*, no sentido de fazer voltar sobre eles o mal praticado. Os irmãos de José temem que o mal que saiu deles volte contra eles. O Salmo anuncia que Deus não nos trata segundo aquilo que as nossas iniquidades merecem.

O salmo funciona como uma espécie de resposta teológica ao terror do texto do Antigo Testamento. O salmista está concentrado naquilo que Deus faz: perdoa, cura, redime, coroa, enche de bens, faz justiça (vv. 3-6). E o clímax da lista está em não sermos tratados como merecemos. A distância entre o oriente e o ocidente (v. 12) é a medida escolhida para dizer o quanto Deus afasta de nós as nossas transgressões, ou seja, uma distância que não se pode medir.

1.2 Gênesis 50.15-21

Gênesis 50 não define o que é misericórdia. Ele narra. Um homem que tem todo o poder do Egito na mão recebe a chance de acertar contas antigas e recusa. E, o que me parece ainda mais importante, recusa sem fazer de conta que não havia contas a acertar.

Guardo os detalhes para a segunda parte deste auxílio, mas já vale registrar o ponto de contato com o salmo. O que o Salmo 103 confessa sobre Deus, Gênesis 50 mostra acontecendo dentro de uma família, que enfrentou um funeral recente, uma culpa antiga e medo pairando no ar.

1.3 Romanos 14.1-12

Paulo leva a mesma questão para dentro da comunidade. E é interessante notar o que ele não faz: em nenhum momento Paulo pede que alguém abandone suas convicções sobre comidas e dias. O que ele proíbe é que essas convicções virem um tribunal de julgamento. O julgamento não é abolido no capítulo 14, mas é realocado. "*Pois todos temos de comparecer diante do tribunal de Deus*" (v. 10) e "*Assim, pois, cada um de nós prestará contas de si mesmo diante de Deus*" (v. 12). A expressão "prestar contas" (*λόγον δώσει*) é linguagem contábil. Isso quer dizer que existe uma conta a ser prestada. Ela simplesmente não é minha para cobrar do meu irmão.

Duas perguntas retóricas sustentam o argumento, uma em 14.4 e outra em 14.10, e as duas fazem exatamente o mesmo movimento. Ambas tiram a cadeira debaixo de quem já tinha se sentado para julgar. "*Quem é você que julga o servo alheio?*" O servo responde ao seu próprio senhor. E o senhor, aliás, é capaz de mantê-lo firme.

Vale registrar também que Paulo repreende os dois lados. O forte é advertido a não desprezar, e o fraco é advertido a não condenar. Não há lado inocente no capítulo. Quanto à razão disso, a de que "Deus o acolheu" (v. 3), convém dizer que ela está endereçada ao fraco, para que não julgue o forte a quem Deus já recebeu. O princípio só é generalizado para os dois lados mais adiante, quando Paulo manda que se acolham uns aos outros como também Cristo os acolheu (15.7).

1.4 Mateus 18.21-35

Para o evangelho, começo lembrando de onde vem a pergunta de Pedro. Mateus 18.21 não é a respeito de um assunto novo. Ele aparece logo depois das instruções sobre o irmão que peca (18.15-20), aquela sequência de repreensão particular, testemunhas e igreja. Pedro acabou de ouvir o que fazer com o irmão faltoso e pergunta quantas vezes fazer. É aqui, e não apenas no tema geral do julgamento, que o evangelho e a epístola se encontram. Os dois textos tratam de como a comunidade lida com o irmão que erra.

O evangelho mostra o que acontece quando alguém recebe o perdão, mas continua carregando uma calculadora na mão. Pedro chega fazendo uma matemática moral. E é justo dizer que a sua proposta não é mesquinha, afinal de contas perdoar sete vezes o irmão que peca contra você já é bastante generoso para qualquer padrão humano. O problema não é a conta ser baixa. O problema é haver uma conta.

Jesus responde com um número que inviabiliza qualquer contabilidade e, em seguida, conta a parábola. A parábola é o motor da história. A dívida do primeiro servo é de dez mil talentos, a do segundo, de cem denários. Como um talento valia por volta de seis mil denários, as duas dívidas ficam numa proporção da ordem de seiscentos mil

para um. A primeira é uma cifra deliberadamente absurda, impagável em muitas vidas de trabalho. A segunda é perfeitamente pagável.

Os paralelos entre as duas primeiras cenas são deliberados: os dois devedores caem diante do credor e fazem quase o mesmo pedido, com quase as mesmas palavras. A diferença é uma só, e é irônica: o primeiro promete pagar tudo (*πάντα*), sendo que jamais poderia pagar. O segundo, no entanto, promete apenas pagar, e poderia. Há ainda outro detalhe: o primeiro servo pede um prazo ("tem paciência comigo") e não recebe prazo. Recebe o perdão da dívida. O senhor lhe dá mais do que foi pedido.

E há ainda outro detalhe bastante cruel nesse texto: o servo perdoado sai à procura do companheiro. O verbo é ativo. Ele encontra o outro. Não foi um encontro casual em que a irritação falou mais alto. O que enfurece o senhor, no fim, não é propriamente a pequena dívida que ficou sem perdão. É o fato de a misericórdia recebida não ter realmente atravessado aquele homem. Ela entrou e parou ali.

1.5 O tema do domingo

Os quatro textos tratam da mesma coisa vista de quatro ângulos diferentes: o que se faz com uma dívida. O Salmo 103 dá a moldura, dizendo quem Deus é e como Ele age com quem lhe deve. Gênesis 50 mostra isso acontecendo em uma história de família. Romanos 14 aplica à convivência da comunidade, onde o perigo reside em julgar e desprezar o irmão. E Mateus 18 mostra o preço de receber perdão e continuar cobrando.

Se eu tivesse que resumir o domingo em uma frase, seria esta: **Deus não nos retribui segundo as nossas iniquidades, e uma comunidade que vive disso não pode se organizar em torno de acertos de contas**. Repare, aliás, que a pergunta de José ("será que eu estou no lugar de Deus?") e a pergunta de Paulo ("quem é você que julga o servo alheio?") são, no fundo, a mesma pergunta. E a parábola de Mateus mostra o que acontece com quem nunca a fez.

2 APROFUNDAMENTO: GÊNESIS 50.15-21

2.1 A morte de Jacó e o medo que volta

A perícope começa com uma informação sobre o que os irmãos veem: "*Vendo os irmãos de José que seu pai já era morto...*" (v. 15). E vale parar aqui um instante, porque nada mudou nos fatos. José continua governador do Egito. Os irmãos continuam instalados em Gósen. O perdão já havia sido pronunciado, e de forma bastante enfática, lá em Gênesis 45.4-8, dezessete anos antes. O que mudou foi o funeral.

Enquanto Jacó vivia, os irmãos podiam explicar a bondade de José pelo respeito que ele tinha ao pai. Era uma hipótese confortável e, ao mesmo tempo, terrível, porque significava que o perdão tinha prazo de validade. Morto o pai, a hipótese desaba e o passado voltaria à tona.

O perigo, portanto, não reside no texto, reside na leitura que os irmãos fazem dele. O narrador não dá um único sinal de ressentimento em José. Nenhum gesto, nenhuma palavra, nenhuma ameaça em dezessete anos. A ameaça existe inteiramente dentro da cabeça de quem se sente culpado.

Lutero lê a cena exatamente assim. Ele observa que, durante todo esse tempo, José havia dado provas de bondade suficientes para deixar claro que os havia perdoado de boa vontade e que, ainda assim, os irmãos não conseguem se contentar com tanta demonstração de afeto fraterno. Essa é a natureza do pecado, que tortura a consciência horrivelmente até mesmo diante dos homens, e muito mais diante de Deus. Em outro ponto, ele nota como é difícil ao coração abatido dar entrada ao consolo. Uma vez acolhido o consolo, o pecado já está curado, diz Lutero.

2.2 Uma ajuda da crítica narrativa: as lacunas

Aqui entra uma ferramenta que ajuda muito neste texto, e que vale explicá-la rapidamente em poucas linhas. Meir Sternberg, em um estudo já clássico sobre a poética da narrativa bíblica, mostra que a Bíblia conta poucas coisas de propósito. Ela abre lacunas, ou seja, informações que o narrador poderia dar e simplesmente não dá, e com isso obriga o leitor a preencher, corrigir e preencher de novo.

Sternberg distingue dois tipos de interesse que isso produz no leitor. Um é o suspense, voltado para o futuro, aquela pergunta de "o que vai acontecer agora?". O outro é a curiosidade, voltada para o passado, a pergunta de "o que realmente aconteceu, e por quê?". A curiosidade dá mais trabalho ao narrador, porque exige que ele desarrume a ordem cronológica, esconda, atrase, embaralhe. E o efeito sobre quem lê é justamente este: o fim da história o obriga a reler tudo o que veio antes.

Não é por acaso que Sternberg dedica a análise mais longa desse mecanismo justamente à novela de José.

Há uma segunda observação dele que cai como uma luva aqui para Gênesis 50. Na narrativa bíblica, ordem e acontecimento normalmente aparecem na mesma sequência: primeiro se narra a ordem, depois a execução. Primeiro o fato, depois o relato do fato. Quando um personagem cita uma fala anterior que o narrador nunca registrou, o leitor está autorizado a desconfiar. Não necessariamente do fato em si, mas de quem está relatando. E Sternberg usa exatamente o nosso texto como exemplo: não houve nenhuma menção prévia a essa recomendação de leito de morte, nem sequer à descoberta do crime por Jacó. Somada ao medo declarado dos irmãos no versículo anterior, a mensagem tem cara de invenção desesperada.

2.3 O recado que ninguém pode conferir

Dito isso, eu seguraria essa conclusão com bastante cuidado no púlpito. As possibilidades reais são três. Primeira: pode ser que Jacó tenha de fato dado essa ordem e o narrador simplesmente a tenha omitido. Segunda: pode ser que os irmãos tenham inventado. Terceira: pode ser que eles não saibam como se aproximar de José e se escondam atrás do nome do pai porque não têm coragem de falar.

O texto não decide. E é justamente aí que está o efeito. O narrador se recusa a resolver a questão porque o peso da cena não está na honestidade dos irmãos, e sim no que José faz com uma palavra que ele não tem como verificar.

Vale registrar que Lutero também não resolve a lacuna, e ainda assim tem muito a dizer sobre o recado. Ele o lê como peça retórica: os irmãos repetem a ordem do pai para, por assim dizer, obrigar José a perdoar como se fosse por força de lei, e de quebra se apresentam bem, chamando-se servos do Deus do pai dele. É como se dissessem que servem ao mesmo Deus e que por isso o perdão lhes é devido. Lutero acrescenta que eles não duvidam de que Deus já os perdoou, o que os deixa incertos é o irmão. Ou seja: mesmo sem decidir se a ordem foi inventada, Lutero vê ali que os irmãos estão manobrando de medo.

Primeiro repare no que José não faz. Ele tem poder, tem informação, tem todo o direito de investigar e de exigir que eles venham falar pessoalmente com ele. Ele não interroga ninguém. O que ele faz é chorar.

Vale notar também o vocabulário do recado. Os irmãos pedem que ele “levante” a transgressão e o pecado deles (v. 17). Os termos são נָשָׂא (levantar, erguer), פֶּשַׁע (transgressão) e חַטָּאת (pecado). Este é o mesmo trio de Êxodo 34.7, que é justamente o texto citado no Salmo 103.8 deste domingo. Convém, no entanto, não forçar a mão aqui. Esse vocabulário não é exclusivo de Deus. A Escritura o usa para perdão entre pessoas, como quando Faraó pede a Moisés que “levante” o seu pecado (Êx 10.17), ou quando Abigail faz o mesmo pedido a Davi (1Sm 25.28). O que impressiona não é a exclusividade do termo, é a coincidência: procurando palavras para pedir perdão, os irmãos tropeçam exatamente na fórmula com que Deus se apresentou depois do bezerro de ouro. E José, em vez de responder de dentro dessa fórmula, sai dela. Ele recusa se sentar na ‘cadeira de Deus’.

E há o gesto final: eles caem diante dele e se oferecem como escravos (v. 18). Ou seja, propõem fechar o ciclo pela simetria. Venderam-no como escravo, agora se tornam escravos. Do ponto de vista contábil, seria uma solução elegante: a conta fecharia certinho. José recusa a proposta.

2.4 O choro de José

José chora aqui pela última vez. Antes, chorou em 42.24, em 43.30, em 45.2 e 45.14-15, em 46.29, e diante do corpo do pai em 50.1. Não me parece que o choro do versículo 17 seja alívio, e certamente não é encenação. A leitura mais provável, e pastoralmente mais coerente, é o luto de descobrir que a sua palavra de perdão nunca chegou a repousar no coração de seus irmãos. Depois de tantos anos, eles ainda o veem como credor. Ele perdoou, disse que perdoou, sustentou a todos com trigo durante a fome, e mesmo assim eles continuaram vivendo com medo dele.

E, além disso, eles mandaram dizer em vez de virem. Entre irmãos supostamente reconciliados, ainda existe um mensageiro no meio do caminho. Qualquer pastor que já acompanhou uma reconciliação familiar reconhece essa cena.

Lutero tem uma analogia que pode ajudar. Ele lembra que Natã levanta Davi da morte com a palavra de que o SENHOR removeu o seu pecado, e observa que, mesmo assim, Davi levou muito tempo para se refazer, lutando por um longo período com o ferrão daquele pecado já perdoado. É o mesmo intervalo que separa a palavra de José da paz dos irmãos. A absolvição é imediata, mas o repouso do coração nela, nem sempre é.

2.5 “Acaso estou eu no lugar de Deus?”

A frase de José no versículo 19 aparece uma única vez antes em Gênesis, e na boca do próprio pai dele. Jacó, irritado com Raquel, responde a ela: "*acaso estou eu no lugar de Deus, que impediu o fruto do seu ventre?*" (30.2). O paralelo é bonito e vale mencionar. O pai usou a fórmula para negar que pudesse dar vida. O filho usa a mesma fórmula para negar que possa tirá-la.

José reconhece que a vingança pertence a Deus, o que Paulo diz com todas as letras em Romanos 12.19. E, ao reconhecer isso, ele liberta os irmãos de terem que negociar com ele. Enquanto José ocupasse a cadeira de juiz, eles precisariam viver comprando o seu favor. Ao sair da cadeira, ele os devolve a Deus.

Esse é o ponto de contato mais direto com a epístola do dia. Julgar o irmão não é apenas indelicado ou pouco fraterno. É usurpação de cargo.

2.6 Duas leituras do mesmo passado

Chegamos ao versículo que sustenta o texto e, na minha opinião, um dos mais belos da Escritura: "*Vocês, na verdade, planejaram o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem*" (v. 20).

O hebraico usa o mesmo verbo duas vezes, חָשַׁב, que significa calcular, planejar, computar. Vocês computaram para o mal, mas Deus computou para o bem. É a mesma coisa contada duas vezes por dois contadores diferentes. E é exatamente aquela curiosidade retrospectiva de que falei ali acima, agora encenada dentro do próprio texto. Os irmãos releem o passado pela culpa e pelo medo, e José relê o mesmo passado sob a mão de Deus. Nenhum dos dois está inventando fatos. Eles estão lendo os mesmos fatos.

Duas observações sobre o que José faz e não faz com isso. A primeira é que ele não minimiza nada. Chama o mal de mal e o atribui a quem o cometeu. O perdão bíblico não exige que a vítima renomeie o crime, não pede que ela chame de mal-entendido o que foi crueldade. Lutero argumenta que José não quer que os irmãos neguem nem

esqueçam o seu pecado e o plano de matá-lo. O que ele lhes pede é que olhem para o que Deus fez com aquilo. Deus faz resultar bem do mal, não porque queira que o mal seja feito, mas porque a sua bondade é maior do que a nossa maldade.

A segunda é que José não diz que o sofrimento foi bom. Ele diz que Deus dobrou aquilo em direção a outro fim, e faz questão de deixar bem claro: "*para fazer, como estão vendo agora, que se conserve a vida de muita gente*" (v. 20b). Não se trata de uma lição interior, de uma maturidade adquirida, de um crescimento pessoal. Ele literalmente foi colocado ali para que pessoas pudessem comer e não morrer de fome.

2.7 Uma palavra que sustenta

O texto termina com José prometendo: "*Portanto, não tenham medo; eu sustentarei vocês e os seus filhos". E o narrador: "E assim José os consolou e lhes falou ao coração*" (v. 21).

Duas notas de vocabulário: a primeira é a expressão "falar ao coração" (דִּבֶּר עַל־לֵב), que na Bíblia é o idioma de quem consola e reconquista. É o que Deus manda os profetas fazerem com um povo culpado: "*Falem ao coração de Jerusalém e anunciem que o tempo da sua escravidão já acabou, que a sua iniquidade está perdoada*" (Is 40.2). A segunda é o verbo "sustentar" (כִּלְכֵּל), o mesmo do sustento que José havia prometido na primeira revelação, em 45.11, e que ele executa para o Egito inteiro em 47.12. O perdão de José não é apenas uma declaração, mas é provisão. Ele os continuou sustentando com alimento e demais necessidades.

E é aqui, me parece, que o texto encontra o coração da nossa teologia. O perdão em Gênesis 50 não é tratado como uma informação a respeito do estado interior de José, algo como um comunicado de que ele já não guarda rancor. **O perdão é uma palavra que faz o que diz e cria uma situação nova**. É isso que entendemos por absolvição e por promessa.

Repare, por fim, que a cena não termina com os irmãos sossegados. O texto nem diz que eles sossegaram. Ela termina com José prometendo e, quatro versículos depois, falando da morte de José e de um êxodo que ainda virá. A palavra de perdão não conclui a história. Ela abre um outro tempo que vem adiante.

3 O QUE EU PREGARIA?

Eu pregaria um sermão narrativo indutivo. Começaria de dentro da cena, não de fora dela. Em vez de abrir explicando a doutrina do perdão, eu abriria o sermão contando sobre a tensão instaurada na família depois que o enterro acabou. A comitiva voltou de Canaã. A casa está cheia de gente, mas o pai não estava ali. Os irmãos se reúnem num canto, e a primeira frase que o texto coloca na boca deles é um "e se".

Eu deixaria os ouvintes sentirem a angústia daqueles irmãos nesse "e se" por um bom tempo antes de qualquer alívio. Porque a tensão do texto precisa ser a tensão do sermão. Se as pessoas não sentirem o medo dos irmãos, a resposta de José vira uma declaração óbvia e esperada, aquela coisa bonita que já sabíamos que ele ia dizer.

A ideia central poderia ser formulada mais ou menos assim: o passado dos irmãos ainda pedia acerto de contas, mas José lhes deu uma palavra de perdão, porque via a própria história debaixo da mão de Deus.

3.1 Um caminho possível para o sermão

Um esboço em cinco movimentos, acompanhando o próprio movimento do texto:

I. O medo relê o passado (v. 15). Nada mudou, exceto que o pai morreu. E o passado voltou diante deles.

II. Um recado que ninguém consegue checar (vv. 16-18). Eles se escondem atrás de um morto porque não têm coragem de aparecer, e se oferecem como escravos, propondo pagar a conta com a própria pele.

III. As lágrimas e a pergunta (vv. 17b-19). José chora porque a sua palavra não foi recebida, e depois recusa a única cadeira que resolveria tudo muito rapidamente, que é a cadeira de Deus.

IV. A mesma história, outra conta (v. 20). Ele não apaga o crime, ele o nomeia. E reconhece que Deus estava trabalhando por dentro daquilo sem jamais ter querido o mal.

V. Uma palavra que abre futuro (v. 21). "Eu sustentarei vocês." Consolo que envolve provisão.

3.2 O caminho até Cristo

Eu não alegorizaria José. Não me parece necessário transformar cada detalhe em figura, e o texto não pede isso. O fio mais seguro, para mim, é a própria pergunta do versículo 19.

José pergunta se está no lugar de Deus, e a resposta é não. É ele mesmo quem responde, e é essa resposta que abre o caminho. José pode perdoar, e perdoa de verdade. O que ele não pode é ocupar o lugar de onde se julga e de onde se absolve. Ele devolve os irmãos a Deus precisamente porque não é Deus. E o sermão não precisa de mais do que isso para atravessar: há uma cadeira que José recusa, e ela não fica vazia.

Há um lugar no Novo Testamento em que a gramática de Gênesis 50.20 reaparece quase intacta. É o sermão de Pedro em Pentecostes: "*a este, entregue conforme o plano determinado e a presciência de Deus, vocês mataram, crucificando-o por meio de homens maus. Porém Deus o ressuscitou, livrando-o da agonia da morte, porque não era possível que fosse retido por ela*" (At 2.23-24). Intenção humana homicida e propósito

divino salvífico sobre o mesmo fato, sem que um anule o outro e sem que o crime deixe de ser crime.

A diferença, no entanto, é fundamental, e eu a diria isso de forma bem clara no sermão. Em Gênesis, Deus dobra o mal alheio em direção ao bem. Na cruz, Deus entra no mal e o carrega. José não estava no lugar de Deus, mas Deus, em Cristo, se pôs no nosso lugar. A cruz é onde Deus enfrenta o mal sem negá-lo e o vence com misericórdia, que é, palavra por palavra, o Salmo 103 acontecendo na história.

E é só aí que o imperativo de Mateus 18.35 realmente faz sentido. Ele é real, e Jesus não faz concessão nenhuma. E é impossível: quem tenta cumpri-lo por esforço próprio descobre bem rápido que não consegue perdoar de coração. Se pudermos formular uma pergunta que a parábola deixa não é “você vai perdoar?”, mas “de onde virá força para perdoar?”. E a resposta está na compaixão do senhor, no versículo 27.

3.3 Ilustrações

Manassés. José já havia tentado o método do esquecimento. Chamou o primeiro filho de Manassés, dizendo que Deus o havia feito esquecer todo o seu sofrimento (41.51). Não funcionou. O passado voltou com fome, pedindo trigo. Em Gênesis 50 ele não esquece: ele relê o passado. Isso me parece uma boa maneira de dizer à congregação que o perdão não rasga a fotografia do problema, o perdão muda a legenda da foto.

A palavra que faz. “Eu te perdoo” funciona como “eu os declaro marido e mulher”. Não descreve uma situação, cria uma. É por isso que a absolvição no início do culto não é formalidade litúrgica, mas o momento em que a comunidade recebe aquilo que os irmãos de José demoraram dezessete anos para não conseguir crer.

3.4 Três cuidados

O primeiro é evitar o moralismo. Um sermão que termina em “seja como José e perdoe mais” transforma o evangelho em tarefa e deixa a congregação exatamente onde a encontrou. O imperativo do perdão precisa aparecer, e Mateus 18.35 não permite outra coisa, mas ele aparece como fruto da misericórdia recebida, não como exigência ética aleatória.

O segundo talvez seja o mais delicado, e tem a ver com Gênesis 50.20. Essa frase pertence à boca de José: é a vítima quem a diz, sobre a própria história. Ninguém pode dizê-la em nome de outro. Um pregador que aplica Gênesis 50.20 à dor alheia, dizendo a alguém que Deus permitiu aquilo para o seu bem, está fazendo com o texto exatamente o oposto do que o texto faz. É aqui também que cai a leitura rasa de que tudo acontece por uma razão. O texto não autoriza isso. José chama o mal de mal. Diante de abuso, violência e injustiça, a boa notícia não é que aquilo tinha um propósito escondido, mas o de que Deus não deixa a sua obra nas mãos do mal.

O terceiro é não resolver a lacuna. Eu não anunciaria do púlpito que os irmãos mentiram. Diria que não sabemos, e mostraria que essa é exatamente a situação de quem precisa perdoar sem poder checar e analisar todos os fatos. Aliás, é essa a situação que quase todos já viveram.

3.5 Para fechar

Eu terminaria onde o texto termina, que é na promessa. Os irmãos não recebem prova nenhuma de que estão seguros. Não há garantia escrita, não há testemunha, não há contrato. Eles recebem uma palavra e um homem disposto a alimentá-los.

E é exatamente isso que a congregação recebe naquele domingo: uma palavra, “*perdoados são os seus pecados*”, e um homem que se põe à mesa e diz “*isto é o meu corpo, dado por vocês*”. Nenhuma das duas coisas apaga o passado. As duas mudam quem tem a última palavra sobre o passado.

Rev. Lucas Prando

Porto Alegre-RS